



**“BOM DE PAPO”: OFICINAS SOBRE VIOLÊNCIA E SAÚDE COM JOVENS
DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE FORTALEZA**

DOI: 10.17058/barbaroi.v1i63.19567



João Paulo Pereira Barros
Universidade Federal do Ceará

Laisa Forte Cavalcante
Universidade Federal do Ceará

Mayara Ruth Nishiyama Soares
Universidade Federal do Ceará

Lara Thayse de Lima
Universidade Federal do Ceará

Isadora dos Santos Alves
Universidade Federal do Ceará

Raimundo Cirilo de Sousa Neto
Universidade Federal do Ceará



Resumo

O presente artigo objetiva relatar a experiência de uma ação de extensão denominada Bom de Papo, ocorrida em uma região periférica de Fortaleza chamada Grande Bom Jardim. O texto enfocará os resultados de 2019, que consistiram na realização de 28 oficinas em uma escola pública com jovens daquele território sobre experiências juvenis, efeitos da violência armada em seus cotidianos e formas coletivas de cuidado psicossocial no território frente a tal problemática. Participaram dessas oficinas cerca de 150 jovens, com idade entre 15 e 18 anos. As atividades foram registradas por meio de diários de campo. A referida ação de extensão possibilitou a análise crítica de relações de opressão e potências de re-existência nos territórios de vida de juventudes periferizadas, a narrativização e re-elaboração de experiências, bem como o diálogo sobre estratégias coletivas de cuidado diante do sofrimento psicossocial produzido ou agravado pela

violência urbana. Assim, considera-se a importância de a psicologia apostar ético-politicamente em micropolíticas de singularização e reexistência de juventudes marcadas por dinâmicas de opressão.

Palavras-chaves: Dispositivos grupais; psicologia; oficinas.

Introdução

Este artigo tem como objetivo relatar a experiência de uma ação de extensão denominada Bom de Papo, ocorrida em 2018 e 2019, em uma região periférica de Fortaleza chamada Grande Bom Jardim (GBJ). Tendo em vista que os relatos de 2018 já foram publicados em outro artigo (COSTA, A. F. *et.al.*), este texto enfocará os resultados alcançados especificamente no ano de 2019, quando a experiência consistiu na realização de grupos com estudantes de uma escola pública daquela região sobre trajetórias juvenis, efeitos da violência armada em seus cotidianos e construção micropolítica de práticas coletivas de cuidado nos próprios territórios de vida de juventudes periféricas.

A ação denominada "Bom de Papo" foi desenvolvida por um projeto de extensão, à época intitulado "Re-Tratos da Juventude", desenvolvido por um laboratório que aborda questões sobre violência, exclusão social e produção de subjetividades, vinculado ao curso de Psicologia de uma universidade pública no estado do Ceará. O principal intuito da referida ação foi criar espaços grupais de diálogo com jovens de uma escola pública de um dos territórios da cidade de Fortaleza mais marcados pela violência letal sobre suas trajetórias de vida, elaboração subjetiva dos efeitos da violência em seus cotidianos e construção de estratégias de cuidado compartilhado diante dessa problemática, a partir de oficinas sobre temas escolhidos em conjunto com juventudes inseridas naquele território.

Ações como essa se justificam pelo fato de que, no tocante aos efeitos das dinâmicas da violência armada na vida de segmentos juvenis no Ceará, adolescentes e jovens, principalmente negros e marginalizados, têm sido os principais alvos do contexto de violência letal no estado, sobretudo em sua capital, Fortaleza, que apresenta altos Índices de Homicídios na Adolescência (IHA) (MELO; CANO, 2017). De acordo com o Atlas da Violência 2019, em 2017, no Ceará foram 140,2 jovens assassinados a cada 100 mil habitantes, expressando a segunda maior taxa de homicídios do país (CERQUEIRA, *et al.*, 2019); já as mortes por arma de fogo apresentam-se como a principal causa de óbitos em homens de 15 a 29 anos no ano seguinte (CERQUEIRA, *et al.*, 2020). Dados mais recentes revelam que, do número absoluto de assassinatos no primeiro quadrimestre

de 2020 no Ceará (1521), 86,72% foram por armas de fogo (ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO CEARÁ, 2020); já ao longo de todo ano de 2020, 16% dos 4039 homicídios, sejam por armados ou não, foram contra adolescentes de 10 a 19 anos (ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO CEARÁ, 2021). Tais números expressivos são ancorados ainda por discursos que atuam na legitimação e invisibilização dessas mortes, posicionando juventudes negras e periferizadas como inimigos públicos (BARROS, 2019).

Diante de tal cenário de intensificação da violência, a ação "Bom de Papo" nasceu por meio de uma demanda de referências comunitárias do território do GBJ de que fossem criados espaços de escuta e diálogo com as juventudes em periferias, em meio à transmissão das dinâmicas da violência e acirramento da violência letal contra estes corpos (PAIVA, 2019). Com nossa atuação, objetivamos fomentar processos grupais a partir dos quais jovens daquele contexto tivessem mais espaços para a narrativização, o compartilhamento e a re-elaboração subjetiva de suas experiências em seus territórios de vida, analisando criticamente e se reposicionando subjetivamente frente às violências que marcam suas trajetórias e cotidianos, mas também reconhecendo potências de vida e re-existências nessas trajetórias e nesses territórios, a fim de vislumbrarem e construírem possibilidades de cuidado psicossocial e enfrentamento a essas problemáticas.

Dessa forma, partimos de uma "ética do cuidado de si" (FOUCAULT, 2010), ou seja, da política em que cuidar de si é, também e inevitavelmente, cuidar do outro e partilhar a vida (MÉLLO *et al.*, 2019); buscamos construir com jovens dispositivos grupais de partilha de experiências e produção de cuidados compartilhados, aspectos intimamente relacionados à produção do comum em contextos periferizados e afetados pela estigmatização, segregação socioespacial e disputas territoriais. Além disso, com a criação desses espaços de discussão, buscamos criar e potencializar formas coletivas de resistência e enfrentamento às dinâmicas de homicídios de jovens, por meio do fortalecimento de vínculos comunitários, em especial, com a escola, tendo em vista as recomendações do Comitê de Prevenção à Violência (2016), as quais apontam o abandono escolar como um agravante às situações de vulnerabilização que culminam com a morte de jovens. Assim, nas ações com juventudes visamos acessar um plano do comum, potencializando esse espaço virtual de pertencimento coletivo, possibilitando a construção de um mundo comum e heterogêneo (PASSOS; KASTRUP, 2014).

Além disso, faz-se importante destacar que, ao utilizarmos “juventudes” e “jovens”, no plural, partimos de uma concepção de juventude que é múltipla, onde os diversos contextos, vivências e acontecimentos históricos constroem diferentes experiências juvenis que não se igualam por ocuparem uma mesma faixa etária ou fase do desenvolvimento (COLAÇO *et al.*, 2013). Deste modo, essa experiência de extensão ocupa o espaço de uma escola pública localizada em uma região periférica de Fortaleza, o que localiza também as juventudes com quem desenvolvemos tais ações: em sua maioria pobres, negras e marcadas por uma sobreposição de precarizações estruturais de gênero, sexualidade, raça, classe, território, e por narrativas hegemônicas de ficcionalização de inimigos, marcando estes corpos como perigosos, matáveis e suas mortes como não-passíveis de luto, conforme já discutido em outras produções da equipe, a partir de pesquisas realizadas em periferias da capital cearense (COSTA, BARROS, 2019; BARROS, SILVA, ALENCAR, 2021; BENÍCIO *et al.*, 2018).

Assim, tendo em vista de onde partimos para a elaboração de nossas intervenções com estes jovens, serão apresentadas as composições de nossos encontros e de como foram vivenciadas e discutidas questões relevantes que perpassam as vidas destas juventudes.

Delineamento metodológico do “Bom de Papo” no Grande Bom Jardim

As atividades do eixo de ação “Bom de Papo” tratam-se de oficinas temáticas por meio de dispositivos grupais com jovens de um território periferizado de Fortaleza-CE. As oficinas ocorreram quinzenalmente entre abril e novembro de 2019 em uma escola estadual de ensino médio do território¹, com a participação de cerca de 20 estudantes por encontro. O objetivo das atividades era discutir junto a jovens estudantes dessa instituição sobre suas trajetórias, os efeitos psicossociais da violência armada em seus cotidianos e as formas coletivas de cuidado de si e de enfrentamento dessa problemática. Para isso, foram adotadas metodologias participativas, de modo que tais dispositivos de produção coletiva atuaram como disparadores, propulsores e/ou elaboradores das discussões sobre

¹ A escolha do território habitado se justifica por ser uma área da cidade com altas taxas de concentração de pobreza, indicadores sociais consideravelmente inferiores à média da cidade e elevados índices de violência letal contra jovens. Além disso, desde 2018, o laboratório tem desenvolvido várias de suas ações de pesquisa e extensão neste território e, particularmente, nesta escola estadual. A parceria prévia com a escola, nesse caso, se tornou um fator importante para o planejamento e a execução das oficinas temáticas nesta instituição de ensino.

as temáticas propostas. Assim, foram feitas oficinas usando músicas, vídeos, colagens, desenhos, entre outros dispositivos que facilitassem a construção desses espaços coletivos que tratavam de temáticas como o enfrentamento à violência, o discurso de ódio e a desigualdade de gênero. A equipe de extensão foi composta por estudantes de graduação (5), mestrado (1) e doutorado (1) em Psicologia.

É importante salientar e contextualizar que as oficinas temáticas se deram enquanto construção de uma estratégia metodológica, isto é, um dispositivo de nossa pesquisa-intervenção. O estágio embrionário dessas oficinas surgiu ainda em 2018 por meio de ações de extensão de um laboratório que trabalha temas como psicologia, violência, exclusão social no estado do Ceará e, mais especificamente, a partir de nossa entrada no território existencial do Fórum de Escolas, em que, não somente acompanhamos, como também participamos e compomos com suas ações. Dessa forma, como forma de dar desdobramento às pactuações firmadas junto ao Fórum de Escolas, elegemos em conjunto uma escola que compunha tal coletivo, para criarmos o dispositivo-grupal de intervenções nesse cotidiano escolar em específico.

Ao todo, foram realizadas 28 oficinas, com a participação de cerca de 150 estudantes das turmas de primeiro e segundo ano do Ensino Médio. As oficinas do primeiro semestre de 2019 (4) tiveram como tema transversal às discussões “Medo da violência, como ele se movimenta e os modos de enfrentamento ao medo”; já as do segundo semestre (24) versaram sobre “Juventude, saúde e arte”, com enfoque em práticas de cuidado e nas resistências criativas diante dos efeitos da violência armada nas trajetórias juvenis. Os(as) participantes tinham idade entre 15 e 18 anos e, em sua maioria, se autodeclaravam negros(as). A participação dos(as) jovens partiu do interesse individual em compor as oficinas. Em cada uma das oficinas, com participação de 4 turmas diferentes com 20 jovens em cada, utilizou-se diferentes metodologias para maior engajamento e democratização da discussão, apostando em distintos dispositivos artísticos e audiovisuais, como músicas, pinturas e vídeos, e também em produção coletiva de materialidades pelos participantes, como confecção de fanzines, colagens e painéis.

O espaço dessas oficinas foi constituído coletivamente no decorrer das próprias intervenções juntos aos/às participantes e não a partir de uma estrutura rígida, previamente estabelecida, e permitiu a eles/elas compartilharem suas vivências e percepções, o que possibilitou atentar-nos às semelhanças e diferenças em suas

trajetórias, a partir das temáticas levantadas em diálogo com os próprios jovens da escola. O grupo se fazia enquanto um plano coletivo de forças heterogêneo constituído por diferenças e também por pontos convergentes, estando aberto às diversidades dos participantes, às suas conexões, partilhas e também seus tensionamentos (KASTRUP; PASSOS, 2013).

Como dispositivo metodológico de registro das oficinas com os/as jovens, utilizamos diários de campo como maneira de narrar cenas, situações e atores de forma implicada, colocando-nos no espaço-tempo do plano dos encontros também. Tais modos de registro permitiram, além de descrever de forma aprofundada o que ocorria nas oficinas, refletir sobre os processos acompanhados e a implicação de quem compunha as oficinas (BARROS; PASSOS, 2009), revelando afetações próprias em forma de discurso aparentes apenas no momento de composição do registro (MEDRADO *et al.*, 2014).

No primeiro encontro de 2019, discutimos trajetórias juvenis em contextos periféricos e os efeitos psicossociais da violência em seus cotidianos, o que fez com que o medo em relação à violência territorial se sobressaísse nos relatos. Além disso, o enfoque sobre a temática do medo surgiu como desdobramento de avaliação das experiências do Bom de Papo em 2018, nas quais o medo apareceu nas narrativas dos/das jovens de maneira difusa em diversas oficinas, o que sinalizou a necessidade de pautá-lo mais diretamente em 2019. Por isso, as expressões do medo, efeitos e estratégias de enfrentamento foram o tema central dos encontros de 2019.1. Assim, para essas e outras discussões que foram compartilhadas, compreendemos o dispositivo-grupo (BARROS, 1997) como uma ferramenta de intervenção que pode gerar tensionamentos e possibilitar outros modos de conceber a realidade, facilitando a produção de rupturas acerca do que é compreendido como violência e medo, e provocando a emergência de novos agenciamentos para a construção de estratégias de enfrentamento coletivas.

Na produção das oficinas, fizemos um levantamento dos sentidos dos participantes sobre o tema a partir de algumas perguntas, discutindo sobre como o medo se expressa na vida deles diante do contexto em que estão inseridos. No segundo encontro, discutimos como o medo atravessava os jovens, com o subtema “Como o medo se movimenta?”, para uma metodologia mais interativa, dividimos grupos e pedimos que traduzissem os efeitos do medo nos seus cotidianos mediante colagem, desenhos e palavras. No terceiro encontro, discutimos possibilidades de enfrentamento do medo à violência, propondo a construção de um fanzine, em que os jovens manifestaram de que

modos enfrentam/poderiam enfrentar o medo, juntos a familiares, amigos, comunidade e escola. Por fim, no quarto e último encontro do primeiro semestre, realizamos um momento de restituição com os jovens sobre o que foi realizado nas oficinas, com a entrega dos fanzines elaborados coletivamente na oficina anterior.

Já no semestre seguinte, em 2019.2, a temática geral das oficinas foi os Efeitos Psicossociais da violência armada contra juventudes periféricas e potencialização de estratégias de cuidado compartilhado. É importante ressaltar que, assim como no semestre anterior, o tema geral das oficinas de 2019.2 surgiu também decorrente da avaliação das experiências do Bom de Papo em 2019.1, em que outros efeitos psicossociais da violência além do medo foram pautados pelos jovens, e diversos questionamentos de o que fazer diante deles foram levantados. Nesse sentido, o primeiro encontro visou pactuar temas a serem discutidos nas oficinas, circundando a temática geral, por meio da proposição de um momento de partilha de sentidos a partir do tópico central e uma atividade de colagem.

No segundo encontro, discutimos sobre expressões do sofrimento psicossocial decorrente da violência territorial no cotidiano dos estudantes e como lidam com isso, tendo como disparadores uma música e a produção de desenhos sobre o tema, posteriormente dispostos no chão como um painel, visando fortalecer vínculos e práticas de cuidado.

No terceiro encontro, problematizamos Discursos de ódio, Intolerâncias e Preconceitos, ao levar manchetes do Brasil que relatavam ações e discursos de ódio, gerando um debate sobre as repercussões dos casos, em que os jovens articularam essas questões às suas trajetórias, criando um mapeamento coletivo de possibilidades de mudança de quadro.

No quarto encontro, trabalhamos os efeitos da violência armada no cotidiano da região da escola, apresentando dois cartazes: um referente a mudanças na rotina escolar por causa da violência e outro ao enfrentamento à violência. A partir disso, obteve-se um debate sobre como essas questões afetam escola e narrativas pessoais, e formas de enfrentamento mediante iniciativas estatais e de envolvimento dos jovens com arte, cultura e trabalho.

No quinto encontro, realizamos uma oficina de fotografia sob a condução de uma integrante de um coletivo juvenil, configurando-se um momento mais formativo. Ao longo da oficina, os jovens expuseram suas curiosidades e dúvidas acerca de fotografar,

além de aspectos técnicos ligados à edição e ferramentas acessíveis para isso.

No sexto e último encontro, nós realizamos uma roda de conversa sobre violência e desigualdade de gênero. Utilizamos como disparadores perguntas ligadas ao que seria homem ou mulher, à caracterização do que seria feminilidade e masculinidade, à vivência desses papéis em territórios que são marcadamente marginalizados e às diferenças entre gênero e sexualidade. Propusemos, ainda, um momento para avaliação geral das oficinas de 2019.2. Assim, ensajou-se, por meio de nossa experiência nas oficinas, que fosse construído um espaço de escuta, cuidado e reelaboração subjetiva ao colocar em pauta questões que os atravessam cotidianamente.

As questões evocadas nos dispositivos-oficinas destacados serão aqui apresentadas e discutidas. Com as experiências que construímos com jovens ao longo do ano de 2019, buscamos criar espaços que dessem vazão ao que faz problema às juventudes que ocupam o território periférico em questão e frequentam suas escolas, em uma perspectiva de partilha não somente conosco, profissionais e estudantes de psicologia, mas também entre pares. Por isso, em nossa proposta, nos deparamos com o desconhecido e experienciamos momentos que nos fizeram tecer novos caminhos na facilitação dos encontros coletivos, convivendo e elaborando conjuntamente acerca das multiplicidades que compõem este território.

No desenvolvimento de nossas parcerias, o dispositivo-grupo foi um importante componente da construção tanto dos conteúdos, quanto do formato e da continuidade das oficinas. Esse dispositivo possibilitou a emergência de múltiplas narrativas de jovens que eram atravessadas por questões complexas como os efeitos da violência armada a exemplo do medo, desesperança, bem como outras problemáticas que perpassam o cotidiano e as relações de jovens, que vão além dos impactos da violência, proporcionando, em ambos os casos, lugares para a produção de práticas de cuidados coletivos e construção de outros afetos. Dessa forma, os grupos objetivaram possibilitar a produção de processos de singularização em um movimento de criação e subversão à homogeneização dos processos de subjetivação (BARROS *et al.*, 2020), atuando na produção de novos sentidos sobre suas trajetórias enquanto jovens moradores de periferias, as opressões vivenciadas, e suas relações com o território e com o espaço escolar, colocando este último como lugar de proteção em relação à violência urbana.

A fim de apresentar as oficinas a partir de cenas que nos possibilitem explicar acerca da experiência do Bom de Papo e discutir as construções juvenis e entre jovens e

estudantes de psicologia/psicólogas, dividiremos esta seção em duas partes: “Oficinas de 2019.1: conversando sobre experiências acerca do medo produzido pelas dinâmicas da violência urbana” e “Oficinas de 2019.2: conversando sobre produção de cuidado frente à problemática da violência a partir da arte”.

Conversando sobre o medo produzido pelas dinâmicas da violência urbana a partir das narrativas de jovens sobre suas experiências

A temática do medo, suas nuances, as relações com a violência armada, uma constante na vida dos jovens, e também seus enfrentamentos emergiram de modo mais direto nas oficinas do primeiro semestre de 2019. Foi uma forma de dar ressonância às demandas estudantis surgidas em 2018, nas ações de extensão Bom de Papo ocorrida na mesma escola. Em profusos momentos, expressões e partilhas de vivências de medo e desesperança como dois efeitos da violência armada recorrentes em seus cotidianos se presentificaram e se corporificaram em falas e na materialidade do Fanzine.

Em síntese, durante as oficinas do referido semestre, sobressaiam diversas expressões do medo em relação à violência no território, tais como: o medo de circular pelo território e de morrer; o medo da vitimização de amigos e familiares; o medo de ser confundido com um "envolvido", no "fogo cruzado" entre facções e forças de segurança pública; o medo de meninas e de jovens LGBTQIA+, tendo em vista as hierarquias de gênero reforçadas pelos modus operandi masculinista das dinâmicas do crime e das forças de segurança; o medo de falar sobre a violência e denunciá-la, pela ausência de confiança em redes de apoio e proteção. Uma vez identificando como as transformações dessas dinâmicas da violência nos últimos anos em Fortaleza intensificaram medos diversos, as oficinas puderam então debater e trabalhar seus efeitos na saúde mental de juventudes moradoras de periferias.

Um desses efeitos foi a reprodução do acumamento como modo de subjetivação. Ele se reflete à medida que juventudes participantes das oficinas relatam viver constantemente com medo de morrer, de serem causa de luto e dor em familiares e amigos ou de não terem possibilidade de experimentarem o futuro que desejam/sonham. Inclusive, chegaram a expressar dificuldades em identificar sonhos a longo prazo, dadas as condições duras de vida visto que são incessantemente sujeitados(as) pelas vias do racismo estrutural, da necropolítica, da precarização e da descartabilidade de vidas tidas

como subalternas e desimportantes. “A gente vive com medo. Às vezes você ‘tá de boa’, não é envolvido com nada e mesmo assim tem medo de andar na rua, a polícia te para só pelo jeito que tu anda e tá vestido” (DIÁRIO DE CAMPO, 2019). Nessa fala de um jovem participante, fica explícita a forma como juventudes negras, pobres e periféricas são tratadas, à medida que a pecha do “envolvido” e a desconfiança social diante de tais sujeitos fazem como que eles(as) acabem se tornando alvo de abordagens policiais violentas e, até mesmo, do extermínio, em que a seletividade racial é um fator presente e sucessivo (BARROS; BENÍCIO, 2017; BARROS *et al.*, 2018; BARROS, 2019).

O medo de morrer e o acuamento se fizeram bastante presentes nas partilhas das vivências, tais efeitos acompanham constantemente certas juventudes. De acordo com Novaes (2007), para certos segmentos, ser jovem é ser suspeito, a reprodução dessa estigmatização é reproduzida socialmente e midiaticamente. Assim, o “medo de morrer” se expressa em narrativas repletas de sentimentos de insegurança, acuamento e desproteção ao circular pelos territórios periféricos urbanos. O “medo de sobrar”, por sua vez, também se presentifica na falta de perspectiva de vida e na dificuldade de construir sonhos profissionais e está atrelado ao sentimento de estar ficando “para trás” diante das rápidas transformações no mundo do trabalho, em que os jovens mais pobres são os mais prejudicados pelos processos de flexibilização/precarização das relações de trabalho (NOVAES, 2007). Os efeitos dessas condições de vida são em sofrimentos relacionados à saúde mental de nossos interlocutores, vários deles manifestaram se sentirem ansiosos, depressivos e até mesmo se automutilam como uma forma de localizarem no corpo seus sofrimentos psicossociais.

A abordagem inicial da temática causou um certo desconforto entre os jovens de falarem abertamente sobre como o medo se fazia presente em suas vivências, expressaram não terem certeza do sigilo e da confiança no grupo para colocarem suas experiências. Além disso, houve momentos de tensões e discordâncias entre as participantes do grupo, quando em algumas narrativas percebemos que o medo também pode fortalecer certas perspectivas autoritárias que estavam imbricadas a sentimentos de desesperança em melhores garantias de qualidade de vida. Os jovens percebiam como escassas ou quase nulas as possibilidades de mudanças nesses contextos atravessados por diversas formas de violência institucional que operam sob lógica punitivo-penal e também sob constante medo dos códigos e regras impostos por facções criminosas que também cerceiam suas vidas e seus direitos de ir e vir.

Em meio a discussões acaloradas em uma das oficinas, uma jovem falou: “Mas assim, quem é que ‘tá’ certo? A polícia ou o bandido? Porque a gente sabe que esse povo mata um monte de gente também, a polícia prende e dá 45 dias e tá solto de novo. Mas tem que ver também que a polícia não sabe nem quem é envolvido e já trata com violência” (DIÁRIO DE CAMPO, 2019). Assim, deparamo-nos com sentimentos e opiniões que se chocam, ora há desejo expresso de penas mais duras, revelando que o medo também produz ódio e rancor, ao mesmo tempo que pode autorizar algumas políticas criminalizantes e estigmatizantes, mesmo reconhecendo que a orientação da polícia é a da militarização, da política de guerra e do combate ao inimigo ficcionalizado, em que eles(as) mesmos(as) seriam tidos como alvos diretos.

Quando adentramos na temática de enfrentamentos a violência armada e a construção de outros possíveis, alguns jovens expressaram o desejo de leis mais rígidas como a pena de morte como forma de enfrentar o crime organizado o que acarretaria um sentimento de maior segurança e menos injustiças sociais. Outras opções envolviam a suposta necessidade de uma intensificação do policiamento militarizado, do punitivismo mais incidente, além de não se envolver com “más companhias”, mas também de respeitar e obedecer os limites territoriais impostos por facções (DIÁRIO DE CAMPO, 2019). Ainda no tocante a temática do enfrentamento, propusemos a construção coletiva de um fanzine em que eles e elas pudessem expressar criativamente seus sonhos, desejos, revoltas e romper com os silenciamentos instaurados. Os jovens se utilizaram de colagens, desenhos, poesias, letras de música e frases de ordem como: “você não é o que pensam de você” e “impossível é o caralho!”, o que manifestaram um confronto direto com um olhar social e institucional que os desvalida, criminaliza, enquadra e reduz essas juventudes.

Essas oficinas e a construção da materialidade do fanzine oportunizaram a coletivização de histórias de vida que, embora heterogêneas, se aproximavam em diversas experiências, a exemplo das violências sofridas e dos impactos destes sofrimentos na saúde mental. Tais partilhas, dessa forma, também possibilitaram a construção de cuidado no âmbito da coletividade e da potencialização do aliançamento e da luta comum. Partilhar, assim, é enfrentar os sofrimentos gerados pelas violências e violações, é re-existir² e também fortalecer laços com o território escolar enquanto equipamento de

² A categoria re-existência, proposta por Adolfo Albán Achinte (2017), ressalta o caráter criativo e inventivo dos processos de resistência ao sistema moderno-colonial, suas violências e desigualdades estruturais.

proteção, afeto e aprendizado. Na promoção de bons encontros, criativos e insurgentes, nossos momentos buscaram romper com as camadas de silenciamento que minam potências criativas e de luta.

Conversando sobre produção de cuidado frente à problemática da violência a partir da arte

Nas oficinas realizadas no segundo semestre de 2019, buscamos construir com os e as jovens possibilidades de cuidado frente aos sofrimentos psicossociais advindos das dinâmicas da violência. No encontro sobre “relacionamentos e rede de apoio”, por exemplo, algo que os movimentou muito foi pensar sobre confiança e a dificuldade de estabelecer laços afetivos significativos em que é possível se apoiar. Assim, muitas vezes, ao escreverem/desenharem com sua dupla/seu trio, expressavam através da arte uma realidade negativa acerca dos relacionamentos que os cercavam. Falaram muito sobre a escola ser um lugar com muitas “pessoas falsas” e como um lugar ruim para se fazer amigos, pois, são pessoas que não se importam realmente umas com as outras. Até mesmo quando falavam sobre o que consideravam necessário ter em um relacionamento, como lealdade e comunicação, deixavam explícito como a escola não era um lugar onde conseguiam encontrar aquilo.

Uma posição como essa, a falta de confiança no apoio do outro, a dificuldade de estabelecer relações em que se possa contar como cuidado, retrata um contexto em que o outro não importa. Marinho (2019), ao falar das mortes, cada vez consideradas mais corriqueiras e não-passíveis de luto, de jovens pobres e periféricos, fala da desvalorização da vida desses indivíduos, que não tem como não ser sentida também pelos jovens que estavam em nossas oficinas, igualmente moradores de periferia. Assim, ao entender o quão descartável a vida é em seu contexto, como confiar? Pensar nessa confiança é difícil e a dificuldade se estende para vários quesitos, até mesmo contar um segredo.

Entretanto, ao vê-los diariamente juntos, enfrentando esse contexto, entendemos que eles podem ser um suporte entre si e que ali, naquela escola, é possível construir cuidado. Por isso, questionamos: O que é a confiança? Quando eles tentavam explicar,

Achinte pensa na re-existência a partir da arte e do fazer artístico, ampliando a visão sobre suas potências e possibilidades criativas de reflexão crítica e transformação da realidade.

acabavam concordando que existiam algumas relações em que confiavam, inclusive na escola. Falaram tanto de professores quanto de alguns amigos que tinham feito na escola e em quem realmente podiam confiar. Ressaltamos a importância disso, e procuramos tratar de como construir relações assim, em que uma pessoa é parte de uma rede de apoio para a outra. Foi possível perceber uma maior abertura, eles mesmo falando sobre a necessidade de tentar construir esses laços. De certa forma, o que esperamos é ter estimulado que eles consigam perceber os diversos espaços em que podem procurar cuidar com o outro para cuidar, portanto, de si, seja na escola, na família, na comunidade, etc.

Assim, as oficinas eram espaço, além de exposição e de diálogo, de questionamento sobre algumas verdades aparentemente irrefutáveis, e de se defrontar com o novo e com o diferente. Por vezes, encarar o diferente parecia ser ter que enfrentar fortemente o diferente, como aconteceu na oficina de “gênero e sexualidade”. Neste dia, levamos um vídeo, da série “Que Corpo é Esse?”, do canal Futura, e algumas perguntas, sendo elas: “O que é ser homem?”; “O que é ser mulher?”; “O que você entende por masculino?”; “O que você entende por feminino?”; “Um homem gay precisa ser “afeminado?”; “Uma mulher lésbica precisa ter um “jeito masculino?” e, por fim, “Todo homem não presta?”, a fim de rememorar uma pergunta que já havia sido feita na oficina anterior. Em uma das turmas da tarde, já estabelecida por aqueles que se inscreveram, um aluno da escola, que foi para o momento acompanhando a namorada, ao apresentarmos as perguntas, nos questionou: “Onde vocês querem chegar com essas perguntas?”. Já aí, percebemos uma postura resistente, de alguém que tinha percebido aquela discussão como, de alguma forma, algo ruim e ameaçador. Ao longo da conversa sobre as perguntas, era agressivo ao questionar nossa opinião acerca do assunto e costumava reafirmar que não estava falando mal. Entretanto, várias vezes falava que pessoas LGBTQIA+, por ele, estariam mortas.

Enquanto esse jovem guiava a discussão, os outros assumiram forte postura defensiva, constantemente tentando rebatê-lo e mostrar argumentos de que estava errado. Só conseguimos reorganizar o grupo, de forma que pudessem falar e se escutar, quando o aluno decidiu ir embora. Ressaltamos a necessidade de conseguir conviver com o diferente, mas, ao mesmo tempo, juntar forças com os pares para defender o que acredita e se cuidar diante daquilo que causa sofrimento. Ter um momento de finalização, em que discutimos sobre o que podemos fazer como enfrentamento conjunto, deixou com que o

encontro, ao invés de desalentador, pudesse terminar com uma reflexão acerca daquela situação e como reagir a ela.

Estar com pares e mobilizar-se politicamente em conjunto, além de possibilidade de cuidado compartilhado e de criação de vínculos afetivos, também é uma forma de se identificar com o outro e um meio dos jovens se estruturarem subjetivamente, construindo formas de ser e de agir no mundo (CASTRO, 2019). Assim, essas duas cenas, de duas oficinas diferentes, servem para pensar os espaços que criamos com jovens, figurando mudanças e formas de cuidado. Entendendo a importância de estabelecer uma postura de facilitação do grupo, acompanhamos movimentos e tentamos abrir espaço para dialogar. Esperamos ter possibilitado o emergir de diferentes formas de construção de si, de seus pares e dos espaços que ocupam.

Considerações Finais

Este artigo procurou relatar a experiência de uma ação de extensão denominada Bom de Papo, ocorrida em uma região periférica de Fortaleza chamada Grande Bom Jardim, no ano de 2019. A experiência consistiu na realização de grupos com jovens daquele território sobre experiências juvenis, efeitos da violência armada em suas trajetórias e seus cotidianos e formas coletivas de cuidado psicossocial no território frente a tal problemática. Dessa maneira, o grupo, como dispositivo de problematização coletiva das dinâmicas da violência e seus efeitos nas trajetórias juvenis, não se propôs a revelar algo existente ou retirar do campo do “desconhecido” formas de cuidado e enfrentamento, mas buscou criativamente tecer novos modos de conceber tal realidade (BARROS *et al.*, 2016; BARROS *et al.*, 2021; CAVALCANTE, 2021), os quais, por sua vez, tornam-se potentes na medida em que se é possível a invenção do cuidar de si e dos outros, ao inscrever essas juventudes em múltiplos modos de ser, para além de ‘matáveis’ (BARROS; BENÍCIO, 2017). Portanto, diante de tal experiência grupal com juventudes periféricas, considera-se a importância e a potência de a psicologia apostar ético-politicamente em micropolíticas de singularização e reexistência de juventudes marcadas por dinâmicas estruturais de desigualdades e opressão em periferias urbanas, pois singularizar-se é criar possibilidades múltiplas de existir, traçar novas fronteiras (COSTA *et al.*, 2021), construir um mundo comum com diversos possíveis.

“BOM DE PAPO”: TALKING ABOUT VIOLENCE AND CARE WITH YOUNG PEOPLE FROM A PUBLIC SCHOOL IN FORTALEZA.

Abstract

This article aims to report the experience of an extension action called Bom de Papo, held in a peripheral region of Fortaleza called Grande Bom Jardim. The text will focus on the results of 2019, which consisted of 28 workshops in a public school with young people from that territory on youth experiences, effects of armed violence in their daily lives and collective forms of psychosocial care in the territory in the face of such a problem. About 150 young people, between 15 and 18 years old, participated in these workshops. The activities were recorded through field diaries. This extension action enabled the critical analysis of relations of oppression and potential for re-existence in the life territories of peripheral youth, the narrativization and re-elaboration of experiences, as well as the dialogue on collective care strategies in the face of psychosocial suffering produced or aggravated by urban violence. Thus, it is considered the importance of psychology to bet ethically and politically on micro-politics of singularization and reexistence of youth marked by dynamics of oppression.

Keywords: Group devices; psychology; workshops.

“BOM DE PAPO”: CONVERSACIÓN SOBRE LA VIOLENCIA Y EL CUIDADO CON JÓVENES DE UNA ESCUELA PÚBLICA DE FORTALEZA

Resumen

Este artículo pretende relatar la experiencia de una acción de extensión denominada Bom de Papo, realizada en una región periférica de Fortaleza llamada Grande Bom Jardim. El texto se centrará en los resultados de 2019, que consistieron en la realización de 28 talleres en una escuela pública con jóvenes de ese territorio sobre las vivencias juveniles, los efectos de la violencia armada en su vida cotidiana y las formas colectivas de atención psicosocial en el territorio ante dicha problemática. A estos talleres asistieron unos 150 jóvenes de entre 15 y 18 años. Las actividades se registraron mediante diarios de campo. Esta acción de extensión permitió el análisis crítico de las relaciones de opresión y de las potencialidades de re-existencia en los territorios de vida de los jóvenes de la periferia, la narrativización y reelaboración de las experiencias, así como el diálogo sobre las estrategias de atención colectiva frente al sufrimiento psicosocial producido o agravado por la violencia urbana. Así, se considera la importancia de la psicología para apostar ética y políticamente en las micropolíticas de singularización y reexistencia de la juventud marcada por dinámicas de opresión.

Palabras-clave: Dispositivos de grupo; psicología; talleres de trabajo.

Referências

ACHINTE, A. A. **Práticas creativas de re-existência: más allá del arte... el mundo de lo sensible**. Buenos Aires: Del Signo, 2017.

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO CEARÁ. Nota técnica 01/2020. Coronavírus e homicídios: o Ceará sob duas epidemias. **Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência**, 2020. Recuperado de: <https://cadavidaimporta.com.br/wp-content/uploads/2020/05/nota3.pdf>

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO CEARÁ. Nota técnica 01/2021. Mais de 12 adolescentes, em média, foram assassinados no Ceará a cada semana de 2020. **Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência**, 2021. Recuperado de https://cadavidaimporta.com.br/wp-content/uploads/2021/02/Nota_Tecnica_1_fev21.pdf

BARROS, J. P. P.; ACIOLY, L. F.; RIBEIRO, J. A. D. Re-tratos da juventude na cidade de Fortaleza: direitos humanos e intervenções micropolíticas. **Revista de Psicologia**, 7(1), 115-128, 2016.

BARROS, J. P. P.; BENICIO, L. F. D. S. Eles nascem para morrer: uma análise psicossocial da problemática dos homicídios de jovens em Fortaleza. **Revista de Psicologia**, 8(2), 34-43, 2017.

BARROS, J. P. P. et al. ‘Pacificação’ nas periferias: discursos sobre as violências e o cotidiano de juventudes em Fortaleza. **Revista de Psicologia**, 9(1), 117-128, 2018.

BARROS, J. P. P. Juventudes desimportantes: a produção psicossocial do “envolvido” como emblema de uma necropolítica no Brasil. In COLAÇO, V. R.; GERMANO, I.; MIRANDA, L. L.; BARROS, J. P. P. (Orgs.), **Juventudes em movimento: experiências, redes e afetos**. 1ª ed., 209-238. Expressão Gráfica, 2019.

BARROS, J. P. P.; SILVA, D. B.; GOMES, C. J. A. Dispositivos grupais com jovens: rizomas em territorialidades periféricas. In LEMOS, F. C. S.; GALINDO, D. C. G.; BICALHO, P. P.; OLIVEIRA, P. T. R.; BATISTA, M.; MAGALHAES, A. G. B.; FREITAS, F. S.; SAMPAIO, A. M.; MORAES, D. C. P. (Orgs.), **Pesquisar com as Psicologias: artesanias e artificios**. 1ª ed., 30-50. Curitiba: CRV, 2020.

BARROS, J. P. P.; RODRIGUES, J. S.; BENICIO, L. F. S. **Violências, Desigualdades e (Re)existências: cartografias psicossociais**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2021.

BARROS, J. P. P.; SILVA, D. B.; ALENCAR, F. A. B. Maquinarias de guerra e mortes juvenis nas periferias do Ceará. **Revista De Psicologia**, v. 12, n. 1, p. 23-36, 2021.

BARROS, R. B. Dispositivos em ação: o grupo. **Cadernos de subjetividade**, 1(1), 97-106, 1997.

- BARROS, R. B.; PASSOS, E. Diário de bordo de uma viagem-intervenção. In PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia**. 172-200. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- BENICIO, L. F. S. et al. Necropolítica e pesquisa-intervenção sobre homicídios de adolescentes e jovens em Fortaleza, CE. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 38, n. spe2, p. 192-207, 2018.
- BUTLER, J. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CASTRO, L. R. Onde estão os (sujeitos) jovens nas teorias da juventude?. In COLAÇO, V. R.; GERMANO, I.; MIRANDA, L. L.; BARROS, J. P. P. (Orgs.), **Juventudes em movimento: experiências, redes e afetos**. 69-88. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2019.
- CAVALCANTE, L. F. **Fórum de Escolas pela Paz do Grande Bom Jardim: Enfrentamentos às dinâmicas da violência armada em periferias de Fortaleza, 2021**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021.
- CERQUEIRA, D.; BUENO, S.; LIMA, R. S.; NEME, C.; FERREIRA, H.; ALVES, P. P.;... ARMSTRONG, K. K. **Atlas da Violência. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada/Fórum Brasileiro de Segurança Pública**, 2019.
- CERQUEIRA, D.; BUENO, S.; ALVES, P. P.; LIMA, R. S.; SILVA, E. R. A.; FERREIRA, H., ... FIGUEIREDO, T. S. **Atlas da violência 2020**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada/Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2020.
- COLAÇO, V. F. R.; GERMANO, I. M. P.; MIRANDA, L. L.; CORDEIRO, A. C. F.; BONFIM, Z. A. C. Conhecendo adolescentes e jovens de escolas públicas de Fortaleza: Concepção, método e procedimentos da pesquisa. In COLAÇO, V. F. R.; CORDEIRO, A. C. F. (Orgs.), **Adolescência e Juventude: Conhecer para proteger**. 13-52. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.
- COMITÊ DE PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA. Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência. **Cada Vida Importa: Evidências e Recomendações para Prevenção de Homicídios na Adolescência**. Fortaleza: ALCE, 2016. Disponível em: <https://cadavidaimporta.com.br/wp-content/uploads/2018/03/cada-vida-importa.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2022
- COSTA, A. F.; BARROS, J. P. P. “Célula de proteção comunitária”: efeitos no cotidiano de jovens negros em Fortaleza. **Revista Psicologia em Pesquisa**, v. 13, n. 3, p. 173-192, 2019.
- COSTA, A. F.; SILVA, D. B.; ALVES, I. S.; FROTA, V. B. G.; BARROS, J. P. P. Decolonizando a investigação com jovens em territorialidades periferizadas: pesquisa-inter(in)venção e a produção de políticas de re-existências. In BARROS, J. P. P.; RODRIGUES, J. S.; BENÍCIO, L. F. S. (Orgs.), **Violências, desigualdades e (re) existências: cartografias psicossociais**. 1º ed., 273-297. Expressão Gráfica e Editora, 2021.

COSTA, A. F. et.al. Re-existências decoloniais frente às violências: experiências extensionistas em periferias fortalezenses. **Revista Extensão em Ação**, [S.L.], v. 19, n. 1, p. 53-66, 20 ago. 2020. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/extensaoemacao/article/view/40151>. Acesso em: 07 abr. 2022

FOUCAULT, M. **O governo de si e dos outros**. Curso no Collège de France. Edição estabelecida por Frédéric Gros, sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo. 2010.

KASTRUP, V.; PASSOS, E. Cartografar é traçar um plano comum. **Fractal: Revista de Psicologia**, 25(2), 263-280, 2013.

MARINHO, C. H. Trajetórias juvenis e lutas por reconhecimento: quando ser jovem é um grande risco. In COLAÇO, V. R.; GERMANO, I.; MIRANDA, L. L.; BARROS, J. P. P. (Orgs.), **Juventudes em movimento: experiências, redes e afetos**. 239-255. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2019.

MBEMBE, A. **Políticas da Inimizade**. Lisboa: Antígona, 2017.

MEDRADO, B.; SPINK, M. J.; MÉLLO, R. P. Diários como atuantes em nossas pesquisas: narrativas ficcionais implicadas. In SPINK, M. J.; BRIGAGÃO, J. I. M.; NASCIMENTO, V. L. V.; CORDEIRO, M. P. (Orgs.), **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. 274-294. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014.

MELO, D. L. B.; CANO, I. **Índice de homicídios na adolescência: IHA 2014**. Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, 2017.

MÉLLO, R. P.; VICENTIN, M. C. G.; MORAES, M. M. Políticas de saúde para Juventude: devemos seguir resistindo criativamente. In COLAÇO, V. R.; GERMANO, I.; MIRANDA, L. L.; BARROS, J. P. P. (Orgs.), **Juventudes em movimento: experiências, redes e afetos**. 276-299. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2019.

NOVAES, R. Juventude e sociedade: jogos de espelhos, sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas. **Revista Sociologia Especial: ciência e vida**, 1(2), 6-15, 2007.

PASSOS, E.; KASTRUP, V. Cartografar é traçar um plano comum. In PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. (Orgs.), **Pistas do método da cartografia: experiência da pesquisa e o plano comum**. 15-41. Porto Alegre: Sulina, 2014.

Sobre os autores:

João Paulo Pereira Barros

Graduado em Psicologia, Mestre em Psicologia e Doutor em Educação. É professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará.

Laisa Forte Cavalcante

Psicóloga. É mestre em Psicologia e Doutoranda em Psicologia no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, na Universidade Federal do Ceará.

Mayara Ruth Nishiyama Soares

Graduada em Psicologia. Doutoranda em Psicologia no Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC)

Lara Thayse de Lima

Graduada em Psicologia. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará.

Isadora dos Santos Alves

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Desde 2020, é membro do programa de extensão "PASÁRGADA - Promoção de Arte, Saúde e Garantia de Direitos" (UFC).

Raimundo Cirilo de Sousa Neto

Graduado em Psicologia. Militante das lutas antirracistas. Dedicado aos estudos decoloniais e pós-coloniais, das filosofias das diferenças e dos processos de subjetivação engendrados e produzidos pelo racismo e branquitude.

Recebido em: 23.08.2022

Aprovado em: 15.05.2023